

## Os registros de Ladislau Netto impressos na história científica do Museu Nacional

REGINA MARIA MACEDO COSTA DANTAS<sup>1</sup>

RICARDO SILVA KUBRUSLY<sup>2</sup>

PAULO VINICIUS APRÍGIO DA SILVA<sup>3</sup>

### Introdução

Durante o desenvolvimento de uma tese de doutoramento (DANTAS, 2012) e de uma dissertação de mestrado (SILVA, 2012) no Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ destacando a análise das ciências na segunda metade do século XIX, algumas questões evidenciaram a participação do Museu Nacional em relevantes eventos da época.

Diante disso, optamos por destacar a atuação do ex-diretor do Museu Nacional, Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894) em suas principais estratégias para o desenvolvimento da área de Antropologia (Etnologia e Arqueologia) durante a gestão na instituição científica (1870-1894) na segunda metade do século XIX.

Nessa perspectiva, as pesquisas enfatizaram a atuação de Netto como um incentivador das exposições do Museu, pontuando a instituição como um relevante espaço de ciências no Brasil oitocentista. A partir de tais elementos, apresentaremos algumas reflexões sobre sua atuação destacando a sensibilidade do ex-diretor frente à coletânea de artefatos indígenas, visando garantir a organização e participação do acervo em exposições nacionais e internacionais.

Para a apresentação do trabalho, partiremos da relevância de sua formação como botânico e destacaremos sua ação na exposição Antropológica Brasileira de 1882 e na exposição Universal e Internacional de 1889 em Paris, por meio de suas escritas no primeiro periódico da instituição – *Archivos do Museu Nacional*.

Dessa forma, o diálogo entre as análises desenvolvidas no HCTE/UFRJ, e apresentadas neste trabalho, visa expor uma latente preocupação de Ladislau Netto nos

---

<sup>1</sup> Professora do PPG em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ.

<sup>2</sup> Professor Titular e Coordenador do PPG em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ.

<sup>3</sup> Doutorando do PPG em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ.

registros científicos impressos do Museu Nacional como proposta de garantia da divulgação da cultura indígena como objeto da ciência institucional.

### **O Botânico Netto**

Ao estudar o botânico Netto envolvido com os estudos arqueológicos, percebeu-se uma preocupação em fortalecer a área da antropologia, por meio de intercâmbios e expedições ao norte do país que culminaram na organização e participação em exposições com acervo arqueológico e etnográfico. É a partir de seu ingresso no Museu Nacional que o botânico envolveu-se com a Antropologia, mas a reflexão sobre sua trajetória e formação foram relevantes para entender a trajetória do ex-diretor.

A partir da obra de seu principal biógrafo, Abelardo Duarte, “Ladislau Netto (1838-1894)”, identificamos sua predileção pelo desenho na infância, o que facilitou, após a sua transferência para a Corte do Rio de Janeiro em 1854, o ingresso na Academia de Belas Artes três anos depois. Nessa análise sobre o biografado foi perceptível, além de sua trajetória como naturalista e a inserção no Museu Nacional, traços de seu perfil autoritário.

Nos episódios da sua vida aqui descritos, o homem aparece, não transfigurado, não sublimado, mas com as singularidades das suas atitudes, dos seus arrebatamentos, dos seus entusiasmos, das suas fraquezas, do seu temperamento – exactamente como ele o foi – temperamental, impetuoso, autoritário, um tanto crédulo.(DUARTE, 1950, p. 17-18).

Netto não concluiu o curso na Academia de Belas Artes (1859), porém, posteriormente foi integrado à Comissão de Estudos Hidrográficos do Alto São Francisco no mesmo ano, liderada por Emmanuel Liais<sup>4</sup> (1826-1900) na qual atuou como desenhista. O estudo e classificação de espécies botânicas conferiram-lhe algum prestígio até ser reconhecido e premiado para realizar estudos em Paris com apoio financeiro Imperial (1864-1866). Frequentou os cursos da Sorbonne e do Jardim das Plantas de Paris, dentre suas publicações realizadas na França foi possível identificar uma obra que destaca o interesse por plantas indígenas<sup>5</sup>.

Convidado pelo imperador para dirigir a Seção de Botânica do Museu Nacional, Netto retornou da França após conclusão dos estudos e ingressou na instituição científica em 1866.

---

<sup>4</sup>Emmanuel Liais, botânico e astrônomo francês. Foi convidado por Pedro II a assumir o cargo de diretor do Imperial Observatório do Rio de Janeiro nos períodos de 1871, 1874-1881.

<sup>5</sup> “Observações sobre a destruição de plantas indígenas do Brasil e um meio de preservá-las”, monografia lida na Sociedade Botânica da França em 1865.

Maria Margaret Lopes em meio à apresentação de seu perfil como um homem empreendedor, também o aponta como “autoritário, mas sem dúvida com ampla visão”, pois soube articular o caráter universal do museu com as “especificidades únicas do país” apresentadas na Exposição Antropológica de 1882. A autora refere-se a sua inserção no cenário científico internacional por meio da publicação do primeiro periódico científico da instituição o *Archivos do Museu Nacional*, o incremento da participação do museu em exposições e congressos, além da contratação de naturalistas estrangeiros. (LOPES, 1997, p. 201).

### **A Administração de Netto e as Exposições**

Netto como diretor do Museu Nacional, a partir de 1876, implementou o primeiro Regulamento de seu longo mandato, o qual diminuiu o total das seções de 4 para 3. Fortaleceu a Antropologia junto à Paleontologia e destacou a Arqueologia e a Etnografia para funcionarem no prédio anexo ao Museu.

Na segunda metade do século XIX, a arqueologia tinha como objeto de estudos a recuperação de vestígios do passado glorioso da humanidade, com forte motivação pelas descobertas realizadas no século anterior em Pompéia e Herculano. Esse interesse é despertado pelas campanhas napoleônicas, em especial no Egito, fortalecido pelo ideal colecionista da época e pelo fascínio pelas culturas exóticas. Assim, assume uma feição empírica e fortemente caracterizada pela acumulação. No continente americano, ficou voltada para as culturas dos povos primitivos sem a preocupação com a contextualização das peças conforme os moldes europeus.

As áreas de arqueologia e de etnografia foram valorizadas desde o primeiro momento de Netto à frente da direção do Museu Nacional. Em sua publicação<sup>6</sup>, o diretor justifica sua sensibilidade e a preocupação com as duas áreas, pois havia pensado em transformar esta seção<sup>7</sup> em Museu Arqueológico e Etnográfico independente. (NETTO, 1889, p. 19).

Esta seção especial, com a exclusão, evidente, da Numismática, estava então, como hoje, destinada a servir de base a um museu de arqueologia e etnografia americana. Estas [arqueologia e etnografia] são ciências que, tendo como objetivo o estudo da raça americana assim que da arte dos povos selvagens primitivos ou modernos do novo continente, deve assumir, sem delongas, o maior desenvolvimento no Brasil: brevemente, com efeito, os últimos vestígios que nos restam de nossas tribos indígenas não serão mais visíveis. Um grande número dessas antigas e nobres

<sup>6</sup>Elaborada por ocasião da Exposição Universal de Paris de 1889.

<sup>7</sup> Refere-se à seção de Arqueologia, Etnologia Numismática (conforme Regulamento de 1876).

nações cujos caracteres étnicos, as crônicas e as lendas quase milenares poderiam nos guiar no estudo de seus antepassados, já desapareceu completamente. As febres, a varíola e sobretudo as afecções sífilíticas, assim como a falta de alimento e outras causas de destruição, entre as quais devemos enumerar o desenraizamento ou o deslocamento de seu antigo meio de existência, reduziram as populações ainda prósperas no século passado a um centésimo de seu número. Outros foram completamente aniquilados e as ruínas de suas moradias desaparecem sob florestas já gigantescas. Foi nessa mesma época, que pensei ser necessário ampliar meus estudos arqueológicos no norte do Brasil e particularmente no vale do Amazonas, estudos sobre os quais havia lido na Sociedade Velosiana, em meados dos anos 70, duas memórias que os jornais do Rio haviam reproduzido e que, transcritas pela imprensa das províncias, me valeram a adesão de várias pessoas interessadas nos mesmos assuntos, assim como numerosas doações de algumas províncias. (NETTO, 1889 *apud* NEVES, 1999, p. 174).

O segundo Regulamento implementado por Netto<sup>8</sup>, em 1888, recriou a quarta seção da instituição elevando as áreas de antropologia, de etnologia e de arqueologia, identificadas como relevante categoria do conhecimento no Museu. Nesse Regulamento foi suprimido o *ensino*, então os cursos regulares foram transformados em conferências públicas.

Dentre essas áreas, destacamos a etnologia e a arqueologia que tiveram seus acervos consagrados e divulgados além das fronteiras do país na Exposição Antropológica Brasileira realizada no Museu Nacional em 1882 graças ao esforço do então Diretor da instituição. Esse evento, analisado de diferentes prismas por especialistas de formações distintas (CASTRO FARIA, 1949; LOPES, 1997; ANDERMANN, 2004; DANTAS, 2012), representa o marco de nossa análise para justificar o envolvimento de Netto por estudos na área da Antropologia.

Nessa perspectiva, acreditamos que o botânico conquistou a experiência no meio científico, principalmente, após ter organizado a Exposição Antropológica Brasileira do Museu Nacional em 1882.

O antropologista J. B. de Lacerda, diretor do Museu na gestão posterior ao de Ladislau Netto<sup>9</sup>, tratou em seu livro *Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, em 1905, a intenção de Netto ao realizar a Exposição Antropológica de 1882 como contribuição ao fortalecimento dos esforços da Sociedade dos Americanistas<sup>10</sup> e dar maior fama ao Museu Nacional utilizando “elementos exclusivamente brasileiros”. (LACERDA, 1905, p. 56).

<sup>8</sup>Terceiro regulamento realizado no Museu Nacional.

<sup>9</sup>Sobre as operações etnográficas de Netto e as de Lacerda, na ótica antropológica e comparativa, ver trabalho de Rodrigo Turin, 2011, p. 183-202.

<sup>10</sup>Sociedade de Etnografia Americana e Oriental, fundada pelo médico e fisiologista francês Claude Bernard (1813-1878). Desenvolviam estudos voltados às ciências humanas. Seus membros fundaram o Primeiro Congresso Internacional de Americanistas em 1875. Ver: Adriana Tavares do A.M. Keuller. Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro, 2008, p. 39.

Portanto, partimos do pressuposto de que a organização dessa Exposição pode ser considerada como o seu passaporte<sup>11</sup> (acompanhado pelo acervo indígena do Museu Nacional) para garantir participação<sup>12</sup> em eventos no exterior, tais como, a Exposição Internacional da Antuérpia de 1885 e o Congresso Americanista de 1888, em Berlim.

Cabe destacar que Netto participou do Congresso Americanista e ficou fora do país durante a realização da Exposição Preparatória Nacional de 1888<sup>13</sup>, mesmo assim foi convidado a participar da Exposição Universal de Paris em 1889.

Na exposição francesa de 1889 Netto foi convidado a participar da Exposição Retrospectiva da Habitação Humana para organizar um museu no interior da última das quarenta e quatro casas construídas para o evento - a Casa Inca (DANTAS, 2012).

Netto montou, com uma série de objetos, um “museu retrospectivo” de culturas indígenas da Amazônia, especialmente de botocudos e jívaros: vasos, urnas, clavas, machados, arcos, lanças, objetos rituais, uma cabeça humana desossada e reduzida, além de pinturas a óleo que haviam sido feitas no Museu Nacional, retratando índios que para lá haviam sido trazidos por ocasião de uma exposição, em 1882... (BARBUY, 1996, p. 229).

### **Ladislau Netto e a publicação *Archivos do Museu Nacional***

Na reformulação do Museu Nacional implantada por Netto no Regulamento de 1876, destacamos a criação do periódico *Archivos do Museu Nacional*. A preocupação com os registros sobre a instituição já havia sido exercida pelo próprio diretor em 1870, ano do lançamento de seu estudo *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro* contendo a história da instituição desde sua criação e as coleções do museu apresentadas por salas das exposições.

A intenção de Netto foi elaborar, por meio do periódico *Archivos*, uma publicação que estreitasse a ligação entre a instituição científica e a população, conforme identificamos por meio de sua escrita na apresentação do primeiro volume do periódico:

E pois que ao povo nos dirigimos, ao povo em quem de todo se não extinguiu a centelha da imaginação e o balsamo da esperança; ao povo, finalmente, que as flores classifica pelo perfume e pelas cores e as aves pelas suas melodias, bem era que n'um sigello discorrer o tratássemos sobre assumptos que a sciencia, de

<sup>11</sup>Grifo nosso.

<sup>12</sup>Por meio de indicação dos organizadores dos eventos e com a aprovação do Governo Imperial. Sobre o assunto, ver tese de doutorado: Regina Maria Macedo Costa Dantas. Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia, 2012.

<sup>13</sup>Preparatória nacional para participar da Exposição Universal de 1889 em Paris.

ordinário não cuidosa de instruí-lo, costuma revestir de formas e caracteres para elleindecifraveis. (NETTO, 1870, AO LEITOR).

Nesse século, multiplicavam-se na Europa e nos Estados Unidos as sociedades, escolas e museus ligados às ciências naturais, que iniciavam suas especializações e encontraram nas publicações o melhor canal para a criação de diálogos e espaços de troca de experiências. Ao longo dos anos, se tornaram o “instrumento privilegiado do diálogo do mundo científico.” (LOPES, 1997, p. 182).

No relatório da direção do Museu Nacional, referente ao ano de 1874<sup>14</sup>, Netto enfatizou a importância da publicação como ferramenta para fortalecer as letras e as ciências em âmbito nacional e tornar público os resultados para os países estrangeiros como garantia do progresso intelectual do Brasil. (NETTO, 1874, p. 9).

No mesmo relatório, o diretor justificou a criação da revista científica, cuja relevância é claramente identificada por sua contribuição para o desenvolvimento das ciências naturais no país, colocando-a como desdobramento dos cursos públicos<sup>15</sup>.

Nestas lições verdadeiras conferenciasscientíficas ao alcance de todos, os professores do Museu terão em vista não só a exposição dos últimos progressos das sciencias em geral senão também e particularmente a explicação do que é mais peculiar a natureza do Brasil. Este meio, porém, que parece suficiente para douctrinar o publico em disciplinas que tamanhas e tantas aplicações encontram em todas as ocupações da sociedade, não basta, a meu ver, como expositor e interprete perante o mundo scientifico de quaesquer investigações feitas pelo pessoal tecnico do Museu Nacional. Um jornal, órgão deste estabelecimento e verdadeiro archivo das locubrações de seus professores, que o mesmo fora dizer, do progresso da história natural no Brazil, conviria que fosse esse interprete e esse expositor. (RELATÓRIOS DA DIRETORIA, 1874, p. 9).

No relatório de 1875, Netto apresentou sua preocupação com o conteúdo das matérias oferecidas nos cursos públicos. Segundo o Diretor, o importante era que fossem oferecidos para todas as classes da sociedade “e empregando ou a demonstração *in natura* ou graficamente em larga ampliação dos objectos, (...) que trato desde já de organizar para cada uma das aulas.” (RELATÓRIOS DA DIRETORIA, 1875, p.10).

Nesse cenário, foi criada em 1876 a primeira publicação da instituição científica, o *Archivos do Museu Nacional*, com o propósito de ser trimestral (Figura 21). Em seu primeiro

<sup>14</sup>Período em que o Museu estava subordinado ao Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

<sup>15</sup>Sobre os cursos públicos, ver: Magali Romero Sá e Heloisa Bertol Domingues, 1996.

volume, identificamos a relação dos 44 membros correspondentes (entre nacionais e estrangeiros) do Museu<sup>16</sup>, dentre eles, destacamos: Charles Robert Darwin<sup>17</sup> (1809-1882), Jean Louis Armande de Quatrefages de Bréau<sup>18</sup> (1810-1892) e Charles Frederick Hartt<sup>19</sup> (1840-1878). A variedade dos correspondentes caracteriza a relevância dos assuntos abordados e fortaleceu a atividade de permuta entre as instituições científicas internacionais.

Após a relação dos membros correspondentes, os nomes dos três responsáveis pela redação da publicação aparecem: Srs. Ladislau Netto<sup>20</sup>, Charles Hartt<sup>21</sup> e Carlos Luis Saules Junior<sup>22</sup>, pois pelo Regulamento do Museu, os redatores deveriam ser o diretor, um diretor de Seção e um sub-diretor. Posteriormente, identificamos a relação dos responsáveis por cada Seção da instituição e a apresentação do Decreto n. 6116 de 9 de Fevereiro de 1876 referente à reorganização do Museu Nacional.

Após análise dos dez primeiros volumes e com apoio de outros estudos<sup>23</sup> não foi difícil visualizar que o destaque para a Antropologia e Arqueologia foi dado nos volumes inaugural e no de número 6 do periódico científico (volume especial sobre a Exposição Antropológica Brasileira de 1882).

Deve-se salientar que além da ação empreendedora de Netto coube espaço destacado para o apoio da esfera imperial, contando ainda com ação e ingerência do próprio D. Pedro II. São já notáveis os estudos que se debruçam sobre o desenvolvimento dos projetos de construção das imagens acerca da nação. Seja na percepção dos estudos literários, seja sob a ótica das análises acerca das expressões plásticas e simbólicas, inúmeros trabalhos dedicaram-se a análise da construção de tal projeto. Com a consolidação do campo da história das ciências no Brasil novas abordagens tem se somado a tais esforços. Silva, (SILVA, 2012) assim destaca tal construção, com especial destaque para a publicação dos *Archivos do Museu Nacional*

<sup>16</sup> Apenas três são brasileiros: Visconde de Bom Retiro; D.S. Ferreira da Penna e Thomas Coelho de Almeida.

<sup>17</sup> Naturalista britânico estudioso da evolução das espécies.

<sup>18</sup> Naturalista e antropólogo francês, professor do Museu de História Natural de Paris desde 1855.

<sup>19</sup> Geólogo canadense-americano foi coordenador da Comissão Geológica do Império do Brasil no período entre 1875-1877.

<sup>20</sup> Diretor Geral do Museu e diretor da Segunda Seção: Botânica.Geral e Aplicada e Paleontologia Vegetal.

<sup>21</sup> Diretor da Terceira Seção: Ciências Físicas: Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral, até 1878, quando foi substituído por Orville Derby.

<sup>22</sup> Sub-diretor da Terceira Seção.

<sup>23</sup> Lilian Schwarcz fez uma análise da revista *Archivos do Museu Nacional* de seus artigos por tema nos anos de 1876 a 1926, ver: Schwarcz, 1993.

No *hall* dos periódicos destinados às interlocuções científicas a referida revista destaca-se pelo papel que deveria cumprir, não só junto ao Museu Nacional, mas como acertado canal de veiculação da construção de um discurso acerca da ideia de Brasil a partir das ciências. O projeto de construção de identidade nacional passaria não somente pelas expressões literárias e plásticas, como aqui já foi tratado, mas também pela construção de reconhecimento das práticas científicas então desenvolvidas. Desvelar o Brasil para os brasileiros e estrangeiros era o desafio dessa geração.

Sendo assim, assume a dedicação de Netto amplitude ainda maior. Estavam ali reunidas suas projeções idiossincráticas, científicas, institucionais e imperiais ao atuar tão incessantemente no sentido de assegurar não só a existência, mas também a continuidade e periodicidade do mesmo.

### **Conclusão**

Ao refletirmos sobre o perfil do ex-diretor do Museu Nacional, suas realizações organizacionais administrativas e a participação em exposições durante a segunda metade do século XIX, destacamos a emblemática Exposição Antropológica Brasileira de 1882 e o certame internacional francês de 1889. O acervo etnográfico que participou da exposição brasileira idealizada por Ladislau Netto também esteve presente em sua organização museográfica em Paris.

As preocupações com as reformas administrativas atreladas às ações de fortalecimento das ciências naturais e antropológicas no Museu Nacional, em nosso específico estudo, proporcionaram o desenvolvimento das áreas de Antropologia, Arqueologia e Etnologia na instituição e a projetou, incluindo o seu diretor, na agenda científica mundial da época.

A breve apresentação sobre Netto como um botânico que se envolveu com a antropologia nos auxiliou na contextualização sobre as práticas científicas realizadas no Museu Nacional na segunda metade do século XIX.

Entre suas escritas no principal periódico da instituição – *os Archivos do Museu Nacional* – livros ou nos relatórios oficiais para anunciar ou justificar a participação do Museu e seus estudos nos distintos eventos, foi possível visualizar a sua sensibilidade em relação à antropologia sem esquecer a sua formação como botânico e sua responsabilidade com as demais áreas do conhecimento desenvolvidas no estabelecimento.

Dessa forma, acreditamos estar fortalecendo o debate sobre a existência de atividades científicas no século XIX a partir do acervo científico do Museu Nacional. Por fim, cabe registrar que essa pesquisa foi possível, devido à valorização da análise de cunho interdisciplinar.

## Referências

- manuscritos

RELATÓRIOS DA DIRETORIA do Museu Nacional, SEMEAR, 1874

RELATÓRIOS DA DIRETORIA do Museu Nacional, SEMEAR, 1875

- bibliografia

ANDERMANN, JENS. Espetáculos da Diferença: a Exposição Antropológica Brasileira de 1882. 2004. **Topoi - Revista de História**, Rio de Janeiro, v.5, p.128-170. Disponível em:[http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/topoi09/topoi9a6.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi09/topoi9a6.pdf). Acesso em: 15 de janeiro de 2010.

BARBUY, Heloisa. O Brasil vai à Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Museu Paulista. N. Série v. 4. p. 211-261. Jan/dez, 1996.

CASTRO FARIA, L. As Exposições de antropologia e arqueologia do Museu Nacional. Conferência de L. Castro Faria. **Publicações Avulsas do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Nacional. n. 4, 1949.

DANTAS, Regina M.M.C. **Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia? A participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris**. Rio de Janeiro: 2012. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DUARTE, Abelardo. **Ladislau Netto (1838-1894)**. Maceió: Imprensa Oficial, 1950.

KEULLER, Adriana Tavares do Amaral Martins. **Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: Cientistas, objetos, idéias e instrumentos (1876-1939)**. São Paulo: 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo.

LACERDA, João Baptista de. **Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1997.

NETTO, Ladislau. **Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Philomático, 1870.

\_\_\_\_\_. **Le Muséum National de Rio de Janeiro et son influence sur les Sciences Naturelles au Brésil**. Paris: Librairie. Ch. Delagrave, 1889.

NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das, MACHADO, Humberto Fernandes. **O Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SÁ ROMERO, M.; DOMINGUES, H.B. O Museu Nacional e o Ensino das Ciências Naturais no Brasil no século XIX. **Revista da SBHC**, n. 15, p. 79-88, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Paulo V. A. da. **Nas Páginas, o que está escrito? O Archivos do Museu Nacional e a promoção das Ciências nos oitocentos**. Rio de Janeiro: 2012. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

TURIN, Rodrigo. “Tipos”, “primitivos”, “decadentes”: escrita etnográfica, secularização e tempo histórico no Museu Nacional. In: **Estudos de Historiografia brasileira** / Organizadora Lucia Maria Bastos Pereira das Neves [et al.] – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.